

Maio passou e deixou como herança a instalação definitiva da campanha presidencial no País. A Copa da França fará um breve parêntese, mas quando acabar, as candidaturas já estarão registradas na Justiça Eleitoral, os comícios serão livres e os carros de som estarão circulando pelas ruas cheias de panfletos, santinhos e cartazes – alegria das gráficas, que precede a dos marqueteiros e produtores de televisão. Maio deixou, principalmente, um quadro de polarização entre o presidente Fernando Henrique Cardoso e o candidato das esquerdas, Lula da Silva, fenômeno visível nas pesquisas.

É evidente que as esquerdas saem vitoriosas de um mês que conquistou status revolucionário no retrospecto da História. Os líderes do MST e da CUT conseguiram politizar e dramatizar a seca do Nordeste, evoluindo dos saques no sertão para o cerco aos bancos e supermercados nas grandes cidades. Em maio de 1998, as ações diretas eram intercaladas, na televisão, com cenas do histórico maio de 1968, abastecendo de nostalgia os corações rebeldes e reavivando brasas que dormem debaixo do muro de Berlim. O que se vê no Nordeste nem de longe lembra as barricadas de Paris ou a passeata dos cem mil, mas alimenta sonhos rebeldes e incendeia paixões políticas.

O MST e a esquerda podem pagar um preço alto pela estratégia adotada, mas alcançaram a meta de expor as chagas do País e levar o governo à defensiva, depois de quatro anos de monopólio da iniciativa política nas mãos dos criadores do real. O terreno da emoção é onde melhor joga o candidato Lula da Silva. Fernando Henrique, ao contrário, é o campeão da racionalidade. Em sua campanha, criar emoção é tarefa dos publicitários. Maio não é a praia do presidente.

Se não tivemos uma revolução em maio de 1998, o mês que acaba deixou de pernas para o ar algumas verdades estabelecidas pe-

lo otimismo exagerado de uns e pelo adesismo apressado de outros. Durante três anos e meio de governo trabalhou-se em Brasília com duas perspectivas: a emenda da reeleição seria aprovada no Congresso e a segunda vitória de Fernando Henrique seria um passeio pelas urnas. O presidente podia até dar-se ao luxo de escolher adversário e fazer uma campanha eletrônica, com alto grau de assepsia.

A primeira previsão deu certo, a segunda balançou ao oscilar das pesquisas. O adversário acabou sendo o que o presidente queria: Lula da Silva, cabra marcado por duas derrotas. Maio, no entanto, abalou outra certeza: a de que Lula tem um teto eleitoral, em torno dos 20%, que o torna presa fácil ainda no primeiro turno. A cada levantamento de opinião pública, o “teto” de Lula foi

ficando cada vez mais alto, chegando perto do que seria o piso de Fernando Henrique.

Outra verdade abalada em maio é a que condena a aliança de Lula e Leonel Brizola, por ser a soma de duas rejeições. Isso ainda terá de ser provado pelas urnas. Até aqui, o petista só ganhou com o vice do PDT: a aliança abriu uma crise no PT do Rio e precipitou um debate latente no partido, que vai explodir em rápida mais dia, menos dia. No entanto, a intervenção

no PT fluminense deu a Lula a oportunidade de mostrar, pela primeira vez, que tem voz de comando no partido, enfrentando assim uma de suas fragilidades históricas.

O acordo com Brizola consolidou, em torno de Lula, uma frente de esquerda jamais vista no Brasil, esborando outra verdade estabelecida, a de que as esquerdas só se unem na cadeia. De quebra, deixou isolada a candidatura de Ciro Gomes, do PPS, que não tem espaço partidário para crescer e depende agora de um milagre de comunicação.

Maio passou deixando um novo ambiente político e algumas advertências. A principal é lembrar que maio não é outubro.



■ Ricardo Amaral é jornalista

Não foi o mês da revolução, mas verdades estabelecidas ficaram de pernas para o ar